

OHMANN, Susanne. **O Limite da Pele: Realidade Somática ou Real Psíquico?** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UFBA; Estudante de Doutorado. Performer, Coreógrafa e Dança-terapeuta.

Tradução: Mirella Misi<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse artigo apresenta uma reflexão sobre a noção de limite, no contexto da atual proposta temática da ABRACE, "Experiência Expandida", e fornece um resumo da prática guiada intitulada: Entre Pele e Espaço: *Embodied Research* de/em Movimento, apresentado no GT: Territórios e Fronteiras da Cena. Conceitos Binários tais como eu-outro e eu-espaço foram exploradas em uma viagem experiencial planejada para criar uma sensação de fluidez e interconexão, utilizando movimento e imaginação guiada. Esta pesquisa prática examinou dois objetivos principais: 1/ promover a polinização cruzada entre o imaginário (ou conceptual) e a intensidade física e 2/ desafiar a percepção dos limites pessoais dos participantes ao provocar estados transitórios entre corpos individuais e seus ambientes circundantes, onde a membrana da pele se transforma em uma interface para troca mútua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Limites, Experiência Expandida, Embodied Research, Performance, Pesquisa Somático-Performativa.

## ABSTRACT

The paper reflects on the notion of boundaries in the context of ABRACE's current thematic proposal "Expanded Experience", and provides a resume of the guided practice entitled: Entre Pele e Espaço: Embodied Research de/em Movimento, presented in GT: Territórios e Fronteiras da Cena. Binary concepts such as self-other and self/space were explored in an experiential journey designed to create a feeling of fluidity and interconnectedness using movement and guided imagery. This practice-led research examined two principle aims: 1/ fostering cross-pollination between the imaginary (or conceptual) and the acutely physical and 2/ challenging the perception of the participants' self-boundaries by provoking transitory states between individual bodies and their immediate environment, where the skin membrane turns into an interface for mutual exchange.

**KEYWORDS:** Boundaries, Expanded Experience, Embodied Research, Performance, Somatic-Performative Research.

---

<sup>1</sup> Arista e Pesquisadora, Membro do Slash Art Tech Lab (Amsterdam) e do Elétrico – Grupo de Pesquisa em Ciberdança (UFBA), Pós-doc PPGDança (UFBA).

## A NOÇÃO DE FRONTEIRAS

*A fronteira que inibe é aquela impermeável. As outras garantem a vida. – Christine Greiner<sup>2</sup>*

Em seu livro, *No Boundary: Eastern and Western Approaches to Personal Growth* (1979, 2001), Ken Wilber, um dos principais pensadores na interface psicologia e espiritualidade, salientou que a linha de fronteira mais comum e fundamentalmente assumida por indivíduos, ou aceita como válida, é a do limite da pele em torno do corpo. Wilber (p. 4) explica como essa linha limítrofe eu/não-eu, que é aceita universalmente, é criada:

Quando você está descrevendo ou explicando ou mesmo apenas interiormente sentindo seu "eu", o que você está realmente fazendo, quer você saiba isso ou não, é desenhando mentalmente uma linha ou limite ao redor de todo o campo da sua experiência, e tudo no *interior* desse limite, você sente ou chama como "eu" enquanto tudo fora desse limite você sente como "não-eu." Sua própria identidade, em outras palavras, depende inteiramente de onde você desenha a linha dessa fronteira.

Pode-se argumentar que nenhuma distinção é mais evidenciada do que a que delimita um organismo de seu ambiente. É desta forma que a maioria dos seres humanos parecem perceber sua existência – como um corpo no espaço, um campo personalizado de percepção operando em um ambiente estendido, vasto, do qual se distingue. Essa percepção subjetiva mas contudo universal, na qual incluo a minha própria, tem algumas implicações. Como Adler (1999, p. 190) comenta pungentemente: "Ilusão ou não, separados é como nos sentimos."

Adler ressalta que o sentimento de separação é um fenômeno das sociedades ocidentais e observa que este sentimento é acompanhado de uma imensa saudade – o desejo intenso de pertencer a um círculo mais amplo e de experimentar estados incorporados de unidade. Seu trabalho pioneiro de Movimento Autêntico explora a relação entre o corpo pessoal e uma noção mais ampla, mais abrangente de experimentar o eu. Adler (1999, p. 192) afirma que: "Sabendo em nossos corpos que fazemos parte, esse pertencimento cria um corpo coletivo, no qual energia de vida é compartilhada." Sua proposta de trazer os benefícios da individuação para a afiliação consciente com o todo em uma experiência incorporada e compartilhada, é, talvez, o objetivo de encontros como este do congresso da ABRACE e, é, de fato, pertinente com o foco temático desse ano, a ênfase na experiência expandida. Desta forma, pertencimento e senso de unidade são expressos através da multiplicidade, por um corpo coletivo de pesquisadores autônomos, reunidos em um espaço compartilhado e energizado.

## EMBODIED RESEARCH DE/EM MOVIMENTO: MÉTODOS APLICADOS

Os métodos da prática de *Embodied Research*, tais como Pesquisa Performativa (Haseman, 2006, 2007), estão em ascensão e começam a formar um novo paradigma. Na Pesquisa Performativa, conceitos intelectuais são explorados no tempo e espaço da performance antes que eles sejam reconectados com/como texto acadêmico. Haseman (2007a, p. 13) ressalta

---

<sup>2</sup> *O Corpo em Crise: Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 105.

que: "Quando descobertas de um pesquisa são apresentados como pronunciamentos performativos acontece uma dupla articulação com a prática," e que esse processo inaugura movimento e transformação.

Explorar conceitos intelectuais na performance é um elemento-chave também na Pesquisa Somático-Performativa<sup>3</sup>, um método desenvolvido por Ciane Fernandes<sup>4</sup>. Seu método coloca ênfase especial no aspecto somático, investigando os impulsos do movimento autêntico que são derivados do interior e de onde a performance se origina. Além disso, ela propõe que o artista/pesquisador mova-se com suas perguntas em mente e, intuitivamente, encontre respostas para elas na linguagem simbólica do corpo e no imaginário poético da mente. Ao literalmente ser movido pela experiência, acontece simultaneamente um (auto)testemunho a partir de um ponto separado da consciência. Uma dupla consciência, assim por dizer, que registra enquanto ao mesmo tempo tem a experiência.

Exploração somática e ação performativa não são fenômenos separados. Como uma rua de mão dupla, elas permanecem em constante troca fluida e polinização cruzada. Semelhante a Teoria da Fala de Austin (1955, 1962), pronunciamentos somático-performativos são o que ambas significam. Performance, nesse contexto, não é representativa, nem *sobre* alguma coisa. Em vez disso, o pesquisador move-se com o conteúdo em desenvolvimento de sua investigação. Pode-se criar a ideia hipotética que não existe sequer o performer antes do ato realizado da performance, nem um movedor antes do movimento, uma vez que, como Butler (1991, p. 24) coloca: "A performance é performativa [e] a performance constitui o aparecimento de um 'sujeito' e sua consequência".

## A PRÁTICA

*O que é o padrão que conecta o caranguejo à lagosta e a orquídea à primula e todos os quatro à mim? E eu à você? – Gregory Bateson<sup>5</sup>*

A ideia por trás da prática guiada intitulada: *Entre Pele e Espaço: Embodied Research* de/em Movimento foi desafiar a percepção dos participantes de suas fronteiras pessoais, sejam elas reais ou imaginadas, para que eles pudessem encontrar os outros e o espaço em torno deles de forma nova e transformadora. Através do uso de exercícios imagéticos que deixavam uma estrutura aberta à interpretação pessoal em movimento, os participantes eram convidados a uma viagem experiencial planejada para criar uma sensação de fluidez e interconectividade. O objetivo era promover estados transitórios entre os corpos individuais e seus ambientes circundantes, transformando a membrana de pele em uma interface para troca mútua.

---

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a Pesquisa Somático-Performativa acesse: <http://www.periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262/4239>

<sup>4</sup> Professora da PPGAC/UFBA, coreógrafa e performer, analista de movimento (Laban/Bartenieff), pesquisadora 1C do CNPq.

<sup>5</sup> *Steps to an Ecology of Mind*. University of Chicago Press, 1972, p. 8.

O primeiro exercício foi de conscientemente experimentar o chão debaixo da sola dos pés e fazer contato com esta superfície que aceitamos coletivamente como uma fronteira/limite “real” da sala. Com foco introvertido ou com os olhos fechados, cada participante começou a sintonizar com o chão de seu próprio modo. A maioria manteve-se imóvel, enquanto outros levantaram-se para poder experimentar o exercício mais plenamente.

Na segunda fase, o contato com o chão foi intensificado através de formas de andar, deslizamentos com os pés, etc, e, em seguida, através do olhar, percorrendo suas propriedades e qualidades. Os participantes foram também convidados a explorarem o chão usando as mãos, assim como a deitarem-se e fazerem contato com todo o corpo. A imagem do piso como uma grande superfície de pele foi sugerida, o que resultou em movimentos ora exuberantes, ora intimistas. As pessoas começaram a se entregar à experiência, deslizando ao longo da superfície, como se a acariciassem com seus movimentos. O chão tinha adquirido propriedades humanas, ou, se transformado em um corpo-terra.

Depois de algum tempo, a consciência dos demais limites da sala foi se ampliando – as paredes e o teto – e as pessoas foram convidadas a se relacionarem, a expandirem, e também a afastarem-se desses limites em suas explorações de movimento. Dessa forma, ocorreu um mapeamento do ambiente como um todo. Depois, foi pedido aos participantes para se concentrarem em seus próprios corpos e a explorarem a superfície da própria pele por meio de auto-toque. Então, eles foram convidados a estender os movimentos deslizantes de suas mãos para além dos contornos de seus corpos, para o chão, o ar e as paredes, estendendo a superfície da pele para o ambiente circundante, alongando e ultrapassando o limite do eu. Os movimentos se tornaram cada vez mais expansivos. A maioria dos participantes desenhou linhas invisíveis atravessando o espaço e atingindo a superfície da pele de outros corpos em um movimento contínuo. Nesta fase, dado que o exercício incluía a possibilidade de contato íntimo e uma conectividade que, caso contrário, não ocorreria entre estranhos, os limites individuais eu-outro pareciam esmaecidos e borrados.

Para facilitar a integração, foi pedido aos participantes que mais uma vez se movessem através do espaço, desta vez sem tocar os outros, mas com a memória tácita dos contatos, como se a experiência ainda estivesse acontecendo, como se o espaço vazio fornecesse aqueles toques mais uma vez, e, assim, sentirem a superfície total de suas próprias peles e perceberem de que forma os toques anteriormente experimentados deixaram vestígios energéticos. Em seguida, movimentos foram mais uma vez estendidos além dos limites pessoais, alcançando os espaços negativos dos outros, sobre, sob e ao redor de partes do corpo, móveis ou estruturas imaginárias. Para chegar a um final coletivo, foi pedido que iniciassem juntos pausas dinâmicas. Um por um congelando em uma pose e esperando até que o último participante tivesse parado de se mover, antes de lançarem-se a um próximo ciclo de movimento. Desta forma, os tempo individuais foram conectados com o tempo do grupo, articulando autonomia e individualidade dentro de uma experiência coletiva.

## INTEGRAÇÃO DE TEORIA E PRÁTICA

*Para estabelecer-se no mundo, precisamos sentir o lugar onde nosso limite encontra outro.*  
Caryn McHose & Kevin Frank<sup>6</sup>

Meu interesse na formação e dissolução de limites começou quando eu fiz um mestrado em dança terapia. Eu notei como, no campo da saúde mental, a importância de ter limites saudáveis é fortemente enfatizada. Isto aplica-se particularmente aos pacientes cujas fronteiras foram gravemente violadas e, portanto, têm uma necessidade de reconstruir os limites físicos, bem como mentais para evitar futuros abusos ou qualquer outra forma de violação de limite.

De um ponto de vista puramente artístico e/ou espiritual, eu tendo a questionar a ênfase em limites fortes, desde que a maioria dos artistas se sente em casa em estados liminares, uma sorte de terra de ninguém, onde os limites mudam e se dissolvem e, onde diferentes reinos da realidade se entrelaçam em um tecido rico e poético. Mas eu também entendo que o artista tem (relativo) controle de entrada e saída deste domínio, enquanto um paciente diagnosticado de psicótico ou esquizofrênico é simplesmente exposto e/ou tragado por ele.

Hoje eu tenho uma perspectiva mais abrangente que reconhece tanto a necessidade de fornecer limites seguros para 'assegurar', como a necessidade de afrouxamento ou dissolução desses limites para 'libertar', ignorando qualquer limitação de identificação do ego com um eu separado, pequeno ou deficiente. O conceito de Greiner (2010) de limites, como interfaces que podem facilitar novas conexões, foi informativo a este respeito. O termo: "corpo-mídia" sugere um corpo que está em uma fase transitória e, que está em troca com o meio ambiente através da superfície da dupla face da pele permeável.

A noção de Wilber de uma unidade de consciência com o "sem limite" parece um conceito radical e outras investigações nessa direção ultrapassaria o escopo desse artigo. Mas sua noção de estados transpessoais<sup>7</sup>, no entanto, parece estar relacionada ao que podemos chamar de, ou imaginar como, experiência expandida, que pode incluir vislumbres intrigantes de um "além" que normalmente se encontra fora do limite de nossa experiência pessoal do mundo.

Em seu poema *White Spaces* (1991, p. 76), Paul Auster fala sobre "a necessidade do corpo de ser levado para além de si mesmo, mesmo que ele habite na esfera de seu próprio movimento." A proposta de Auster (1991, p. 76): "pensar em movimento não apenas como uma função do corpo, mas como uma extensão da mente. Da mesma forma, pensar no discurso não como uma extensão da mente, mas como uma função do corpo," pode

---

<sup>6</sup> *How Life Moves: Explorations in Meaning and Body*. Berkley California: North Atlantic Books, 2006, p.25.

<sup>7</sup> Transpessoal significa que algum tipo de processo está ocorrendo no indivíduo que, em certo sentido, vai além do indivíduo. [...] uma expansão da fronteira eu/não-eu além do limite da pele do organismo.

indicar uma direção para uma próxima etapa na exploração da experiência expandida. Desta vez, explorando o gesto como/com som e investigar possíveis limites entre a palavra escrita e falada, bem como a possível desintegração completa da linguagem no reino do "inominável."

Como reflexão final, proponho a visão de Alva Noë sobre a função das artes experienciais no estudo fenomenológico da experiência visual. Noë (2000) aponta como a experiência é uma modalidade de engajamento com o mundo e não um processo primariamente interiorizado. Ela afirma que: "Para refletir sobre o caráter da experiência deve-se dirigir a atenção para a temporalmente estendida, totalmente incorporada, ambientalmente situada atividade de exploração do ambiente." Deida (2005, p. 40), por outro lado, inverte essa proposição com o seguinte pensamento desafiador: "Na verdade você não está aqui. Aqui está em você!"

Eu venho a acreditar que qualquer pesquisa de experiência expandida carrega essencialmente um desejo de crescimento. E crescimento, de acordo com Wilber (1979, 2001, p. 13), fundamentalmente, significa: "uma ampliação e expansão de seus horizontes, um alargamento de seus limites, exteriormente em perspectiva e interiormente em profundidade".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, J. The Collective Body. Em *Authentic Movement: Essays by Mary Starks Whitehouse, Janet Adler and Joan Chodorow*, Vol. 1 (pp. 190-204). London: Jessica Kingsley Publisher, 1999.

AUSTER, P. White Spaces. In: *Ground Work: Selected Poems and Essays, 1970-79*, (pp. 76-77). Faber & Faber, 1991.

AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955*, 1962. (Eds. Urmson, J.O. and Sbisà, M. Oxford: Clarendon Press.

BATESON, G. *Steps to an Ecology of Mind*. University of Chicago Press, 1972.

BUTLER, J. Imitation and Gender Insubordination. In: Fuss, D. (Ed.) *Inside/out: Lesbian Theories, Gay Theories*. London: Routledge, 1991, pp.13-31.

DEIDA, D. *Blue Truth: A Spiritual Guide to Life & Death and Love & Sex*. Boulder: Sounds True. 2002, reprint ed. 2005.

FERNANDES, C. Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade e Integração. In: *Art Research Journal*. UFRN, v.1, n. 2, 2014, pp.76-95.

GREINER, C. *O Corpo em Crise: Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações*. São Paulo: Annablume, 2010.

HASEMAN, B.C. A Manifesto for Performative Research. In: *Media International Australia incorporating Culture and Policy*, theme issue "Practice-led Research", n. 118, 2006, pp. 98-106.

HASEMAN, B.C. Rupture and Recognition: Identifying the Performative Research Paradigm. Em E Barrett and BOLT, Barbara (eds) *Practice as Research*. London: IB Tauris, 2007.

HASEMAN, B. C. *Tightrope Writing: Creative Writing Programs in the RQF Environment*. 2007a. <http://www.textjournal.com.au/april07/haseman.htm>

NOË, A. Experience and Experiment in Art. In: *Journal of Consciousness Studies* 7, n. 8–9, 2000, pp. 123–35.

McHOSE, C. & FRANK, K. *How Life Moves: Explorations in Meaning and Body*. Berkley California: North Atlantic Books, 2006.

WILBER. K. *No Boundary: Eastern and Western Approaches to Personal Growth*. 1979, reprint ed. 2001.